

Migrações e religião na Europa: o cenário complexo para os sociólogos da religião

Entrevista com a socióloga portuguesa Helena Vilaça

*Fernando Mezdri**

Sem incorrer em erros, a socióloga Helena Vilaça é uma das mais importantes pesquisadoras e referência na sociologia da religião em Portugal e, em certa medida, na parte ocidental do continente europeu. É membro da Associação Portuguesa de Sociologia e da *International Society for the Sociology of Religion*. Com uma trajetória intelectual marcada pelos estudos referentes às dinâmicas e processos de fenômenos sociológicos relativos às cidades, desde o ano 2000 inclinou suas pesquisas para o âmbito das religiões e, nos últimos anos, suas relações com as migrações populacionais, tanto em Portugal, quanto em outros países do sul e do norte da Europa, tudo isso sem perder as conexões com a cidade. Autora de *Da Torre de Babel às terras prometidas: pluralismo religioso em Portugal* (2006), *Religião em movimento: migrantes e diversidade religiosa em Portugal e na Itália* (2012), em 2015, num trabalho em conjunto, publica a obra *The Changing Soul of Europe: Religions and migrations in Northern and Southern Europe*. Na forma de coletânea de capítulos, traduz, do ponto de vista teórico e empírico através de estudos de casos diversos, o fenômeno atual das complexas interconexões entre migração e experiências religiosas no continente europeu. Em visita ao Brasil para participar do I Colóquio Internacional – Estudos de Laicidade, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Sell, ocorrido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no mês de setembro de 2015, nos dias do evento, ao longo de duas horas, concedeu esta entrevista. A conversa tratou, sobretudo, da sua recente obra, como também, de sua visão sobre alguns temas relacionados à sociologia da religião e as especificidades do contexto português.

* Mestre e doutorando em Sociologia Política (UFSC). Bolsista Capes. Faz pesquisas com foco nos processos de secularização e secularismo na modernidade. Estuda o ateísmo no Brasil. E-mail: mezdri@gmail.com.

» A produção do livro *The Changing Soul of Europe* foi organizada a quatro mãos: Enzo Pace, da Itália; Per Pettersson, de Uppsala, na Suécia; Inger Furseth, de Oslo, na Noruega; e você, de Portugal. São vários capítulos que descrevem e explicam fenômenos religiosos diversos. Pode-se dizer que a obra reflete o cenário heterogêneo da religião no continente europeu atualmente?

Helena Vilaça: Eu diria que esse livro é resultado de um projeto meu de quando estive na Suécia, em 2011, para uma licença sabática de três meses como professora convidada na Universidade de Uppsala, no Departamento de Teologia, um dos maiores centros de pesquisa em religião na Europa. “Qual o meu propósito, já que estou aqui? O que é que vou fazer aqui no norte da Europa?”. Então me lembrei de desafiar o Enzo Pace, colega e amigo de muitos anos: “Por que não trabalhamos juntos e convidarmos dois colegas nórdicos?”. Foi assim que nasceu a ideia. Depois falei com a Inger Furseth e Per Pettersson e fiz essa proposta para um esforço, e eles aceitaram. Em seguida, o convite foi feito a investigadores do norte e do sul da Europa para que escrevessem capítulos sobre esse tema. Não foi propriamente uma comparação, no sentido de um projeto comum com uma metodologia comparativa. O livro, além de estabelecer uma coerente conexão teórica entre todos os autores, faz um retrato da migração e da religião em diferentes países da Europa.

A primeira parte do livro tem uma coleção teórica sobre questões de teoria social. Ou, em que medida, a religião se torna uma lente para a realidade social no seu todo e, até que ponto, a teoria social tem estado atenta isso, às transformações pela via das religiões e da imigração. É o Enzo Pace quem escreve esse primeiro capítulo muito interessante, pegando as metáforas atribuídas à cor dos cavalos dos quatro cavaleiros do apocalipse: *green, black, white e red*. Esse capítulo, de uma abordagem muito interessante, faz relações com a economia.

Também tem um outro capítulo teórico, de José Madureira Pinto, um sociólogo português muito conceituado na teoria social dos primeiros sociólogos. É um dos pais da sociologia em Portugal. Ele faz uma seleção sobre a nova economia. As imigrações no quadro da nova economia internacional e dentro do contexto econômico europeu. Reflete um pouco sobre o Estado e o seu papel. Também a intenção do livro é atingir, como se pode dizer, um público que vai falar da sociologia da religião ou apenas da religião *stricto sensu*. De fato, tem conexões com outras dimensões.

E um terceiro quesito nessa parte teórica está a cargo de um jovem, mas um grande sociólogo finlandês, Tuomas Martikainen. Ele aí reflete um pouco mais sobre as questões do Estado e sobre os vários tipos de recepção ao imigrante na Europa. Portanto, é outro tipo de discussão. Sendo ele um sociólogo das religiões, vai centrar nas modalidades de receber os imigrantes na Europa.

A obra vem atender a um público interessado em teoria social, pois na primeira parte, aborda questões relacionadas à sociologia, à economia e à política. Neste ponto, em especial, políticas sociais ligadas ao Estado, políticas sociais para o imigrante.

Na segunda parte do livro, estão os estudos de caso em diferentes países relacionados com o tema da religião e imigração, por exemplo, a Igreja Ortodoxa Grega e os imigrantes. Há uma colega grega, Elizabeth Diamantopoulou, quem escreve sobre isso. Pega-se na relação que a Igreja Católica tem, em termos de receber imigrantes, principalmente os imigrantes do Leste. O papel que ela tem em como se relacionar com o Estado na recepção de imigrantes ortodoxos do Leste.

» Sobre as migrações na Europa, dezenas de milhares de refugiados de regiões de conflito deslocam-se para o continente através de países fronteiriços e litorâneos. Em que medida o fenômeno das migrações atuais contribuiu para a consolidação do eixo comum contido nessa obra que aborda a relação entre migrações, religião e os impactos no continente europeu?

Helena Vilaça: Isso tem a ver com o objetivo do livro. “Por que os países no norte e os países do sul da Europa?”. Porque a primeira grande fase de imigração foi após a Segunda Guerra Mundial. Depois disso, o continente europeu se tornou um continente de recepção de atendimento de imigrantes que foram para construir os países destruídos. A imigração ocorreu, principalmente, para a França e Alemanha e também para Bélgica e para Luxemburgo. Muitos desses imigrantes foram os portugueses. Foram os próprios europeus que se deslocaram, principalmente a partir dos anos 1970.

Uma segunda vaga de imigração se deu depois da queda do Muro de Berlim, a partir dos anos 1980 e 1990. Os países do norte e também do sul da Europa é que vão ser atingidos. Portugal era um país de emigrantes com a letra

e, e tornou-se um país de imigrantes com a letra *i*. Os italianos também migraram para ajudar na construção da Bélgica, na primeira fase de imigração pós-guerra. Hoje, os italianos estão cheios de imigrantes do Leste e de africanos. No sul da Itália há imigrantes de países mulçumanos. Da mesma forma isso ocorre no norte da Europa, na Suécia, por exemplo. Há imigrantes africanos e também de países islâmicos. A Alemanha já possuía imigrantes da Turquia.

Isso tem mexido com a Europa, tem mexido com a ideia de um Estado. É um dos fatores que também contribuem para se questionar aquela situação em que há um modelo de Igreja de Estado. Há minorias religiosas que estão muito pacatas e muito no seu *gap* e que não englobam ninguém, já que não existe para essas minorias um mercado religioso. E depois, há os laicos e que, muitas vezes, são anticlericais. Portanto, era esse o cenário religioso europeu: minorias religiosas protestantes, nos países protestantes, e católicos, nos países católicos. Essa situação não representava propriamente uma ameaça ao *status quo*. Então, nos últimos anos, isso tudo começa a se modificar.

» Então, aquele cenário, de uma ordem religiosa, das instituições fixadas historicamente vem sendo redimensionado?

Helena Vilaça: Sim. Completamente. A imigração passou a estar muito ligada à etnicidade. Os dois continentes interligados. Não são os europeus dos países pobres a irem aos países ricos da Europa inicialmente, mas são aqueles vindos de outros continentes, com outras culturas e com outros desafios. Por exemplo: imigrantes mulçumanos passaram a exigir que nas escolas públicas fossem ofertados outros tipos de alimentação, ou ainda, a permissão para o uso do véu islâmico.

» Que tipos de efeitos poderão surgir no campo empírico da investigação sociológica, a formação desses cenários complexos entre migrações transnacionais e o reordenamento da matriz religiosa da Europa?

Helena Vilaça: Eu acho que este fenômeno, relacionado aos imigrantes de trazerem sua cultura e religião, se refere aos elementos culturais fundamentais que estruturam suas próprias vidas. Tentando explicar o que está a ocorrer. As igrejas ou as comunidades religiosas que eles fundavam quando chegam à

Europa, são também contextos de integração para eles próprios. São comunidades que os ajudam em termos logísticos, afetivos, espirituais. É multidimensional.

Eu, quando estudei os imigrantes do Leste, os ortodoxos ou mesmo os evangélicos do Leste em Portugal, vi o papel que a comunidade religiosa tem sobre eles. É uma comunidade de sentido, não apenas uma comunidade religiosa como alguns defendem, com uma função unicamente utilitária: ir à igreja porque querem arranjar emprego. A igreja também ajuda nesse sentido. Mas é mais do que isso.

Sobre o caso dos imigrantes do Leste, não foi minha intenção estudar as comunidades ucranianas em Portugal que estão a se formar desde os anos 1990. Ucrânianos, Romanos, Bielo-Russos, desejei estudar, perceber o fenômeno de integração deles. Entender o caso dos imigrantes que melhor se integraram na sociedade portuguesa. Até certo ponto, mais que os brasileiros, ou são vistos pelos portugueses de uma forma melhor que os brasileiros. Eu queria estudar suas formas de associações. Não queria estudar somente as igrejas dos imigrantes. E quando comecei a pesquisar com o método da *bola de neve* essas associações e igrejas, percebi que associações eram pouquíssimas. Portanto, eu fiz a pesquisa em todo o país. Poucas associações, mas muito ativas. Só consegui trabalhar numa e investigar outra. Percebi então, que a ligação dos imigrantes não eram as associações, mas sim as igrejas, as comunidades religiosas.

» Na década de 1990, seus trabalhos na área da sociologia consistiam em pesquisas e produções investigativas sobre o associativismo civil em Portugal. A partir do ano 2000, os estudos se dirigiram na direção das religiões. Você hoje pode ser compreendida como uma socióloga “dura” quando se trata de pesquisas sobre a religião?

Helena Vilaça: Digamos que eu comecei a pesquisar e então, entrei no projeto internacional a partir de 1995. Tratava sobre o culturalismo religioso e plural financiado pelo *European Science Foundation*. Um *mega* projeto em nível europeu. Aí que eu começo a ficar na religião. Mas esse sempre foi o meu objetivo. Eu sempre quis estudar a religião, embora eu goste muito dos estudos urbanos e das cidades. É verdade que me virei muito e quase exclusivamente para a

sociologia da religião. Mas é interessante que sempre, em toda minha vida, lecionei na faculdade sobre as cidades e sobre os territórios. Isso é algo que entra sempre, é uma dimensão que acompanha os meus estudos empíricos sobre a religião. Portanto, eu não consigo viver ou escrever sem levar em conta a ritualização da religião. Ao mesmo tempo, mais recentemente o tipo de cristianismo que eu estou pesquisando está dentro das identidades cristãs. Não necessariamente minorias, mas o tipo de cristianismo que eu estou agora a estudar tem como palco a cidade. Porque é um fenômeno extremamente interessante. Há uns anos atrás, por exemplo, nós víamos a cidade como o lugar da secularização. E, de fato, quanto mais urbanos os espaços, mais secularizados seriam. Mas, nos últimos tempos, no norte da Inglaterra, a cidade que tinha menos pessoas sem religião era Londres. Ou seja, a religião também floresce na cidade. A cidade também é o lugar da diversidade, e a cidade também é o lugar, passa a tornar-se o lugar [sic]. E isso contraria as próprias teses da secularização.

» O livro aponta na direção de novas perspectivas teóricas e empíricas para os estudos da religião no continente europeu. Seriam novas abordagens, distintas ou ainda que superariam as teses clássicas de Peter Berger e Thomas Luckmann sobre a secularização?

Helena Vilaça: Temos que falar nos dois *Berger's*. O primeiro Berger, do *Sacred Canopy*, que com Thomas Luckmann e Bryam Wilson, foram três peças fundamentais da teoria da secularização. Fizem parte das minhas referências quando eu escrevia a tese do livro “A Torre de Babel – as terras prometidas do pluralismo religioso em Portugal”. Mas, quando eu escrevi o livro, sob orientação do meu supervisor, o meu enquadramento teórico, foi muito ao encontro das teorias da secularização. E eu ainda estava nesse registro, embora sentisse um certo desconforto com as teorias. As teorias da secularização explicam a religião na Europa até certo ponto. A teoria da escolha racional, por exemplo, não se aplica à compreensão do continente Europeu, pois aqui não haveria um mercado religioso. E, portanto, eu senti durante alguns anos, depois da tese, que havia um certo desconforto nessa abordagem. Assim, precisei buscar em termos teóricos, uma alternativa às teorias da secularização. Elas [as teorias da secularização] não explicavam tudo, e é por isso que para mim, Gracie Davie e

David Martin seriam novas experiências. Este é o primeiro que escreve um livro, ainda em 1970, criticando os próprios teóricos da secularização. Recebeu duras críticas por esse feito. Mas por quê? Pois via o mundo caminhar mais para o pluralismo religioso e não necessariamente para uma secularização inevitável. Outra referência fundamental para mim, é o Peter Berger segundo. O mais velho. Que teve a coragem de questionar as suas próprias teses. Dirigia-se não mais à tese do desencantamento do mundo, mas para a tese de que estaríamos a viver num reencantamento do mundo. E, portanto, ele questiona até que ponto estaríamos numa secularização inevitável, chamemos assim. É esse o Peter Berger que me ajudou a resolver os meus problemas teóricos. Outra pessoa que o contributo é inquestionável é Enzo Pace. Seu livro *Religion and Communication*, possui um registro muito luckmanniano.

» A tese da obra: *Chancing Soul Europe*. A preocupação suscitada com o livro permitiria uma ampliação para a compreensão de outros cenários complexos distintos do europeu? Atualmente, outros cenários estariam localizados no extremo oriente, nas experiências do cristianismo pentecostal na China e Coreia do Sul, ou nas experiências cristãs em países africanos. Sem contar o complexo mercado religioso nos Estados Unidos e na América Latina. Em que medida essas sociedades seriam empiricamente válidas para a compreensão da tese da obra? A obra teria um caráter de análise macro para fenômenos transcontinentais, ou cada sociedade deveria construir seus modelos explicativos?

Helena Vilaça: Nesta primeira fase do livro não almejamos tamanha abrangência. Nós quisemos refletir apenas sobre o contexto europeu. Agora, o que é certo, é que mesmo os cristianismos fora do contexto europeu colocam-se como desafios para a própria Europa. Esse era o nosso objetivo com o livro. Hoje em dia, a realidade de muitos países europeus, em se tratando de cristianismo, mostra-se muito complexa. Por exemplo, penso num colega luso-brasileiro que trabalha em Portugal, o antropólogo e sociólogo Donizete Rodrigues. Ele estuda os neopentecostais. Elaborou um artigo sobre a Universal do Reino de Deus na Itália e também na Espanha. Ele tem também estudado no Sul da Europa outras experiências envolvendo esta Igreja. Ela se mostra como um dos melhores exemplos sobre um grupo religioso que tem uma capacidade incrível de se

adaptar aos contextos socioculturais. É muito interessante o que ele diz sobre isso.

Igualmente muito interessante é o que minha colega keniana Anne N. Kubai, que vive hoje na Suécia, escreveu sobre os africanos cristãos nesse país. Os pentecostais na Suécia desafiam a Igreja Luterana. Na Suécia, a Igreja Luterana é liberal e inclusiva, porém, prefere ter em seus cultos somente pessoas idosas. Sentem-se perturbadas com os africanos que têm outra forma de culto. Logo, preferem oferecer suas instalações para os africanos se reunirem em outros horários a ter que o incluí-los em seus cultos. Portanto, a obra nos faz refletir também sobre a capacidade de recepção que esses países possuem em relação a outros povos, outras culturas, outras religiões. Mesmo quando, por exemplo, no caso da Igreja Luterana na Suécia, como há um preconceito cultural, mesmo relativamente a forma de culto de outros protestantes. Na Suécia, poderíamos dizer que os protestantes locais preferem a decadência. Palavra forte esta, mas digamos que há uma Igreja cada vez mais com menos membros, atuando apenas como uma referência cultural do que propriamente uma referência de fé ou que muito menos concorra no mercado religioso.

Também é muito interessante a Dinamarca. Lá existem cristãos e budistas vietnamitas. Uma colega italiana estuda os católicos filipinos na Itália. Esses e outros exemplos mostram como tudo isso está a mexer no mundo religioso europeu. Nesse aspecto, o livro seria útil para os não europeus. Ele aborda muitos grupos religiosos aos mesmo tempo e não somente os mulçumanos, mas também o cristianismo, o budismo.

Eu penso que haveria um interesse em especial para os asiáticos perceberem o que é que está a acontecer com seus imigrantes na Europa. Tem interesse também para colegas brasileiros e latino americanos perceberem o fenômeno do *reverse mission*. Quer dizer: o que é que estão a fazer os brasileiros? Numa missão que agora é para a Europa. O livro dá uma informação adicional sobre os seus missionários na Europa.

» Um dos capítulos da obra, escrito por Donizete Rodrigues, pesquisador também de Portugal, ocupa-se com os estudos sobre a propagação do neopentecostalismo aos moldes brasileiros no território português. Sobre esse aspecto, o movimento neopentecostalista, largamente difundido nos países latino americanos, tem se

tornando desde a década de 1990 uma agenda de pesquisa na sociologia da religião. No Brasil, os pentecostais ocupam 25% da população segundo o censo do IBGE (2010). Não são mais uma minoria e vem tornando-se arautos do cristianismo, papel outrora ocupado pelo catolicismo. Pode-se falar de algum tipo de migração pentecostal para o continente Europeu?

Helena Vilaça: Isso faz parte da minha atual pesquisa. Isso que eu estou interessada. Não é estudar os neopentecostais e nem os pentecostais. Mas é estudar os evangélicos. Porque os estudos em grande dimensão – os recenseamentos –, revelam que os evangélicos estão a aumentar. E por exemplo, em Portugal, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), segundo os últimos estudos, estava em 0,1%. É pouco, mas sob outra ótica, parece muito. Mas comparativamente, os evangélicos foram separados desse censo, que no seu todo são muito mais. Portanto, há uma ideia, não tenho dados objetivos, mas essa é uma hipótese de trabalho, que a Universal cresceu e estabilizou-se. Até esse momento, Portugal está cheio de igrejas fundadas por brasileiros. A maior parte delas para brasileiros, mas que não tem a ver com a Universal. Eu acho que em Portugal funciona igreja de pequena dimensão, por exemplo, a Igreja Mundial abriu em Lisboa, mas teve dificuldades de trabalho na cidade do Porto. Abriram e fecharam. Não sei se voltarão a abrir neste momento. A igreja brasileira Deus é Amor, por exemplo, está cheia, cheia de imigrantes brasileiros. Estão a multiplicar-se, a abrir novos pontos de culto.

Estas igrejas, de fato, atraem africanos de língua portuguesa, e não só. Atraem ciganos, e atraem portugueses. É um contexto tão fragmentado, de difícil contabilização. Por exemplo, o que está a acontecer na Europa. E o Donizete Rodrigues, em um trabalho mais recente, mostra isso. No fundo, é um fenômeno que, eu penso, que cada vez mais, a denominação religiosa não é interessante dentro dos protestantes. Ou seja, no Brasil, a pessoa pode. E eu conheço vários casos desses, tenho observado aqui no Brasil. A pessoa frequenta a Igreja Adventista. Chega em Portugal, pode começar a congregar numa Batista, porque é mais parecida a Batista na sua forma de culto do que a Metodista que existe na Europa. Ou então uma pentecostal. Chega a Portugal, encontra uma igreja Metodista ou uma Presbiteriana muito tradicional. E o que que nós temos então? Temos um tipo de fenômeno relacionado com isso.

Eu estou a estudar, de uma forma particular, estou a orientar um estudo de caso numa igreja Metodista portuguesa muito tradicional que estava em declínio e que nos últimos quatro anos está numa inversão. Está em crescimento para os portugueses. E os brasileiros contribuíram para isso. Como? Um pastor brasileiro foi para lá colaborar. Jovem, com a sua família, num estilo mais evangélico, mais carismático, mas muito sensível à cultura portuguesa e não entrou de uma forma agressiva. Foi respeitando, negociando. Começou a trabalhar em células e a igreja está a crescer nos últimos três anos. Mas antes dele, uma jovem brasileira, de Curitiba, sentiu-se “chamada” para ir trabalhar com uma igreja tradicional. Vai para Portugal e acha que vai com uma missão – fazer discipulado. Recebeu um “chamado”! Foi fazer um *Erasmus* [bolsa de estudos concedida pela União Europeia] de um ano. Universitária, classe média alta, os pais são médicos. Começou a trabalhar com os jovens dessa igreja. E digamos, começou a introduzir numa igreja muito racional e tradicional uma linha muito mais carismática, a qual os jovens urbanos e universitários reagiram muito bem. Aqui, interessa menos se é metodista ou se não é. O que interessa é a ligação que igrejas da sexta região [compreende os estados do Paraná e de Santa Catarina] com Portugal. Outro caso trata-se de um brasileiro que vem por uma igreja Batista e passa para uma Metodista. Sente um “chamado” para ir a Lisboa. Vai sem nada, com a família – a mulher e três filhos.

Esses casos concretos são muitos. São apenas um exemplo do que está a acontecer, como daqueles que recebem apoio de igrejas e começam a ensinar futebol a meninos de rua. Esse é somente o ponto de partida. É uma forma de se estabelecer relações com as pessoas. É relacional. A ideia que os missionários têm é de que a evangelização é relacional e sabem que na Europa, mais do que nunca, é uma coisa relacional. E, portanto, se tem uma igreja, em dois anos com 60 pessoas, o que é muito num contexto europeu, secularizado e cheia de jovens. E isso na área de Lisboa. São casos de como uma igreja tradicional que está a ser transformada por influência do Sul do globo, especialmente do Brasil. Uma igreja protestante histórica, está a enveredar por uma linha mais evangélica, que não vou dizer pentecostal, pois seria muito forte. Prefiro dizer, carismática. É uma pentecostalização *light*. E isso leva à transformação das igrejas. É um laboratório. Como é que pessoas de um nível intelectual elevado estão a conciliar as coisas e sem deixar de refletir em profundidade sobre questões teológicas? Essa questão é muito interessante.

Sistematizar essa realidade é muito complicada. Há outros fenômenos, como o caso do brasileiro que vai para Portugal, que é evangélico. [...] Ele sabe que há uma Igreja a funcionar, numa determinada rua, é no primeiro andar. Pode funcionar durante 3 meses, mas depois já abre em outro sítio. E é assim que a paisagem está a configurar. Eu quero estudar Portugal, mas sei que isto está a acontecer em outros países. E mais. Estão a ir missionários para Portugal e está a haver uma nova onda. E isso é o que mais me interessa. Uma nova onda de igrejas protestantes evangélicas que não são de uma linha pentecostal. São neocalvinistas, e que atingem muito bem, melhor até, os seculares, os laicos, os ateus, e isso vem muito do movimento, a nível global – *the city to city*. Isso vem de uma igreja nova-iorquina, a *The Redeemer*. Pode parecer que eu esteja mais no universo protestante e evangélico, porque é aonde eu encontro o espírito de evangelização e de missão. É mais difícil no catolicismo encontrar isso. Embora em paróquias que estejam em Portugal e na Europa, padres brasileiros ou africanos, têm uma vitalidade maior que em paróquias dirigidas por portugueses. Estatisticamente não é relevante ainda. Mas poderá vir a ser. Eu ainda estou na linha de Greice Davies e Peter Berger. O resto do mundo poderá ficar mais parecido com a Europa. Nomeadamente, a subida dos sem religião aqui no Brasil é um indicador de secularização. Segundo um estudo feito por uma universidade católica, o percentual dos sem religião beira a casa dos 14%. Eu penso que este número vai crescer e vai continuar a crescer. Mas também crescer outros grupos. Acho que o cristianismo de tradição, associado a uma identidade nacional, está a diminuir. Por isso eu acho que o livro dá um contributo para fenômenos novos que estão a despontar na Europa. E a Europa vai ficar também mais parecida com o resto do mundo.

» Múltiplas modernidades ou secularidades múltiplas? Em algumas de suas teses, você se serve de S. Eisenstadt para situar o cenário complexo da religião no continente europeu na atualidade. O conceito de modernidades múltiplas passa a ser a base teórica explicativa para o fenômeno. Não seria melhor trabalhar a partir do conceito de múltiplas secularidades? Haveriam distinções nessas abordagens? Não há controvérsia nessas duas expressões pelo fato de não abundarem categorias caras ao mundo ocidental: a modernidade e a secularização?

Helena Vilaça: Há grandes questões que ligam as teses da secularização. Isso depende, pois há vários autores. Mas há muito aquela ideia de que a modernidade conduz à secularização. E adotar a expressão secularidades múltiplas implicaria eu partilhar isso. E eu não compartilho desse ponto de vista. Ora, em termos muito simplistas, o que seria a secularização? É a perda da importância social da religião. Eu acho que pode haver modernização sem uma perda da importância social da religião. Pode haver modernidade sem isso acontecer. Por exemplo, se olharmos mesmo para países como a Coreia do Sul e outros países da Ásia, o seu desenvolvimento foi acompanhado por uma forte religiosidade. Mesmo na China as províncias com maior desenvolvimento econômico são aquelas com maior número de cristãos, aonde esses estão ligados aos negócios. Coreia do Sul é a mesma coisa. Portanto, aí foram os pentecostais e neopentecostais que de fato contribuíram. A igreja o Evangelho Pleno, na Coreia do Sul, que tem mais de um milhão de pessoas vem dos anos 60 e 70. Começou a crescer. E, portanto, a explosão neopentecostal na Coreia acompanhou o processo de desenvolvimento coreano. Portanto, as modernidades, recorrendo à S. Eisenstadt, na ideia de que existem muitas modernidades, é útil o conceito no sentido de que, a modernidade não abriga necessariamente a secularização, ou tal qual a secularização foi concebida. Embora eu não esteja ao lado das teses do retorno do sagrado, de reencantamentos do mundo, procuro ser sóbria e cautelosa nesse tipo de coisa. Mas é preciso estar atento à realidade empírica. E muitos sociólogos, às vezes querem encaixar a realidade à força para continuar a defender as suas teses. Por isso eu admiro Peter Berger que reviu a sua tese. Eu também, quando fiz a minha tese sobre o pluralismo religioso, analisei-o muito no registro de como é e de como era abordado pelos autores da secularização. Mas isso me deixou sempre desconfortável, pois é inadequado para analisar a realidade, ou seja, as teorias da secularização.

» Agenda de pesquisa intensa no campo sociológico, jurídico, religioso e político; a laicidade do Estado é uma temática ou uma bandeira levantada por diferentes grupos e atores sociais. É objeto de aglutinação de interesses. É sabido que a Europa apresenta diferentes arranjos entre Estado e Religião. Alemanha, Portugal, Espanha e França são exemplos distintos. Seu livro aborda isso ao tratar dos países do Sul e do extremo Norte europeu. Como ocorrem os diferentes

modelos de Estado laico na Europa? Haveria tipologias? A temática apresenta disputas internas?

Helena Vilaça: Nós temos um norte protestante. Isso eu trato mais no livro “Torre de Babel: as terras prometidas” (2006) quando discuto a questão do pluralismo religioso. Ao discutir sobre esse contexto, fui ver de frente vários modelos na Europa. E recorri ao David Martin, que fala dos monopólios religiosos europeus, nos duopólios religiosos. Os monopólios são os países católicos, os países luteranos, os países anglicanos, a Grécia ortodoxa. Mas também há os duopólios: a Alemanha católica e protestante, a Holanda. Agora, sobre a relação que eles mantiveram com o Estado. Isso seria uma longa conversa para nós falarmos sobre esses modelos. Houve uma espécie de contratualização nos países protestantes entre o Estado e a igreja dominante. Sempre foram igrejas ricas, pois as pessoas, ao tornarem-se membros, passam a contribuir para as igrejas. Agora, na Alemanha, cada vez menos pessoas estão a declarar-se como luteranas. Portanto, essa questão da tradição de descontar para a igreja com o apoio do Estado, também há esse modelo. Mas eu acho que no Norte protestante foi muito mais o Estado que dominou a Igreja, enquanto no sul da Europa, foi muito mais a igreja. Do ponto de vista comparativo, houve uma maior dominação ou uma tentativa de dominação de igreja no Estado. Também provocou que elites laicas ficassem muito reativas relativamente ao catolicismo. Na França isso aconteceu e também em Portugal, na Espanha, e depois nas associações com a ditadura.

Agora, a ditadura em Portugal, o que é verdade, favoreceu a igreja católica, mas a partir de determinada fase também prejudica, como no caso de Salazar. A primeira república foi laica, na década de 1910. A lei de 1911 estabelece a separação entre o Estado e a Igreja. Mas quando Salazar sobe ao poder, era um católico incondicional, mas na constituição de 1933, ele mantém a separação entre Estado e Igreja, pois não está interessado em restituir poder à Igreja. Não permite também a abertura da universidade da Igreja Católica. Só depois do 25 de abril que a Igreja Católica conseguiu ter a sua universidade. Isso é importante que se diga. Se é verdade que com Salazar as minorias religiosas foram perseguidas, e que o catolicismo, em sua maioria, esteve associado ao regime salazarista, e ainda por cima, o fenómeno da aparição de Fátima (1917) a tornar o país mais messiânico. Quando Salazar vai para o poder em 1928, esse

fenômeno é de fato, Portugal, aquele país escolhido pela Virgem de Fátima. Portanto, é um país especial. Foi um império e ainda continuou. E isso vai consolidar e sacralizar o próprio poder de Salazar, que usa isso tudo nesse contexto.

É um modelo de laicidade distinto. Há uma grande discussão, pois há quem fala em um nacional catolicismo. Há um colega, historiador português – Manuel Braga, que fala de um *catolaicismo*. É interessante essa variante. Após a segunda guerra mundial, Portugal ficou neutro, entre dois tabuleiros. E em parte, o Salazar não interessa ao nazismo, pois ele era católico, mas vivia ambiguidades, era simpatizante do franquismo. Quando começa a guerra colonial no início dos anos 60, a Igreja Católica vai apoiar a autonomização dos países na África, nas colônias e em pendência, o Vaticano vai se afastando de Portugal. Há uma concordata que Salazar faz em 1940, mas nos anos 60 quando começa a guerra, há uma certa tensão entre o Vaticano e o Estado português.

» Todas essas informações se devem ao seu vasto estudo sobre o modelo de laicidade do Estado Português?

Helena Vilaça: Procurei refletir entre as várias fases, os vários tipos de relação, que é também o que eu falo, analiso na minha tese. Vários tipos de relação entre o Estado e a Igreja.

» Há algum tipo de correlação com o Brasil neste aspecto da laicidade do Estado?

Helena Vilaça: Eu não conheço suficientemente a história do Brasil para conseguir alguma coisa. Mas tivemos, até 1910, uma monarquia aonde a religião oficial do reino era o catolicismo. Não havia separação. Embora o imperador houvesse introduzido uma monarquia liberal em Portugal. Dom Pedro [do Brasil]. O que significa que os estrangeiros em Portugal começaram a poder se reunir em locais de uma forma privada. Os ingleses puderam ter seu cemitério por exemplo. E, portanto, a pluralização do campo religioso em Portugal faz-se através de uma missão que vem de fora. São missionários estrangeiros em Portugal. Mas é interessante, porque se faz através de uma classe média alta, que eram os residentes em Portugal, os noruegueses, os alemães, os ingleses, os escoceses. São esses que vão contribuir para a abertura e negociações, como no tempo da

monarquia. Uma certa abertura para a possibilidade de os portugueses serem evangelizados, mas havia uma perseguição fortíssima. Mas ainda estamos num modelo de religião oficial do reino.

Em 1910 com a República, passamos a ter uma separação laicista, porque a ideologia era laicista. Acabaram-se os feriados religiosos, com a educação religiosa nas escolas. Foi de uma forma extremamente radical, que todas essas transformações sulfuraram em Portugal. Claro que as minorias religiosas protestantes ficaram todas contentes com a república.

Mas depois, com Salazar, eu acho que houve na mesma separação, pois ele não acabou com a separação, pois houve uma grande cumplicidade entre Estado e Igreja. É indiscutível. A igreja ainda estava em todas cerimônias oficiais. Mesmo a constituição diz que Portugal é obviamente católico, ou de cultural católica, de princípios católicos. Há sempre essa referência. E depois do 25 de abril, nós já temos aí uma separação, e, portanto, uma separação laicista, mas com cumplicidade.

Há uma tese que afirma ter sido uma separação não absoluta. Se hoje tivesse de rever a tese, eu chamaria de uma separação co-negociada. E tem existido desde o início da democracia em Portugal. Digamos que o Estado português não quis repetir a experiência da primeira república. Porque na primeira república, o radicalismo correu muito mal. Até porque a maior parte do povo era católico, as elites que eram mais republicanas.

» Os estudos sobre a religião no Brasil, no campo da Sociologia, eclodiram a partir da segunda metade do século XX com a formação de centros de referência como o ISER. Importante sociólogo ligado ao centro foi Flávio Pierucci [falecido em 2012]. Entre os anos 1960 até 1990 a sociologia da religião no Brasil foi uma “sociologia do catolicismo”. A igreja católica foi objeto de análise a partir de diferentes frentes. Um ponto em comum entre a Igreja Católica no Brasil e Portugal é uma aproximação com as questões sociais. No cenário tão divergente religioso na Europa, em que as questões sociais se mostraram presentes a partir das últimas crises, resseções, planos econômicos, migrações internacionais, por exemplo; qual o papel da Igreja Católica e em especial da miríade religiosa que se encontra hoje na Europa? Em que medida as questões sociais são absorvidas pelas religiões?

Helena Vilaça: O que tem mais visibilidade é o trabalho da Igreja Católica. E em Portugal, a Igreja Católica foi incansável, ou instituições católicas, como a Cáritas. E mesmo os portugueses, tiveram muito reconhecimento disto. Independente do quadrante político, reconhecem que a intervenção social da igreja foi muito significativa. Mas é preciso dizer também que não foi só a Igreja Católica. Todos os grupos religiosos o fizeram. Duma forma ou de outra, evangélicos, protestantes, pentecostais, neopentecostais. A Igreja Universal do Reino de Deus, tem um trabalho social importante em Portugal.

» Há por detrás desta ação, um argumento/premissa teológica advinda da teologia da prosperidade de que a manutenção da pobreza ou miserabilidade é a condição para a plausibilidade de sua teologia e cosmologia sobre o mundo e o ser humano. Como você se posiciona em relação a essa tese?

Helena Vilaça: Uma coisa que ouço dizer, quando eu própria estive aqui no Brasil, em abril de 2015 para uma pesquisa, fiquei por duas semanas. Eu percebi, quando estive em morros na cidade de Curitiba (PR). As igrejas lá estabelecidas, numa localidade chamada de Pantanal. Uma localização de favelas. Andei por lá, aonde vi quatro igrejas em uma única rua. No fundo, são as igrejas que entram nos morros, nas favelas, nas periferias. Em Portugal estamos a ver a mesma coisa. Em bairros sociais, vão andar ciganos, evangélicos, por exemplo. O poder político em Portugal respeita muito as minorias porque já perceberam que são aliados. Isso é uma das razões pelas quais a secularização não é tão grande em Portugal. Porque há uma opinião pública favorável, genericamente favorável. Há um reconhecimento dos poderes públicos. Eles sabem que há bairros sociais com problemas na periferia de Lisboa. Os interlocutores preferenciais são os líderes religiosos, que podem ser o pastor da igreja cigana ou então de uma igreja africana. Eles sabem que são eles que ajudam a resolver os conflitos.

Há uma diferença em relação a outros países. Há um peso maior na Espanha dos muçulmanos, do que há em Portugal. Digamos que se calhar, o público católico é semelhante, mas a conferência episcopal espanhola é bem diferente da portuguesa. A portuguesa sempre se deu bem com todos os governos, nomeadamente com o governo socialista. Tanto com centro-esquerda ou centro-direita. Muitos católicos compram títulos [filiam-se] no centro-

esquerda, no partido socialista. Na Espanha, a conferência episcopal nunca teve uma capacidade de negociação, é muito dura. O mesmo não ocorre com a conferência episcopal portuguesa. Para mim, isso é um dos fatores explicativos de uma secularização mais acelerada na Espanha, porque as pessoas reagem através do afastamento da igreja. Quando falo da incapacidade de negociação com os governos, passa por aí. Está a se pluralizar mais depressa, além disso, há mais imigrantes que em Portugal. Nosso percentual é baixo. E nós tivemos uma imigração também de muitos cristãos que são os ortodoxos do Leste. Ucrânios, romenos. Foi o que eu estudei. Os imigrantes do Leste, principalmente os ortodoxos e católicos do rito bizantino, muito bem acolhidos pela igreja católica. Todos eles celebram em capelas católicas que estão vagas, com boa articulação com padres católicos. Isso também é umas das facetas do catolicismo português. Mas também, estudar as comunidades evangélicas. Ucrânia era uma espécie de *Babel Belt*. Dos países do Leste, com muitos batistas, evangélicos. É muito curioso vê-los abrirem igreja batistas em Portugal.

Recebida em 31/07/2016, revisada em 10/10/2016, aceita para publicação em 10/11/2016.